

Lisboa, 13 de junho de 2025



Pedido a Santo António

Caro Ministro Fernando Alexandre,

Em fase final de mais um ano letivo — tempo de avaliação, reflexão e balanço sobre o trabalho desenvolvido —, momento em que a burocracia que sufoca os professores se torna particularmente evidente e em que se multiplicam grelhas e relatórios, recebemo-lo, de novo, senhor Ministro Fernando Alexandre.

Ao contrário de alguns alunos, aos quais não serão atribuídas classificações por falta de elementos de avaliação ou de dias de aulas lecionados, Vossa Excelência reúne já elementos suficientes para que possamos avaliar o trabalho desenvolvido. E a nossa conclusão é inequívoca: os objetivos definidos não foram atingidos. A falta de professores mantém-se, a profissão continua a não ser atrativa, a valorização da carreira permanece por concretizar, a inclusão de todos os alunos continua a ser uma ilusão e as aprendizagens dos alunos continuam a decair — são apenas alguns dos muitos problemas que, até agora, não obtiveram resposta.

Quis o destino — chamemos assim à instabilidade e crise política, marcas das últimas legislaturas — que voltasse a tomar posse em plena época dos santos populares, próximo do dia de Santo António, Fernando de Bulhões, seu homónimo. É por isso que hoje lhe escrevemos sob a forma de um pedido a Santo António, esse que defende causas perdidas ou desesperadas, embora mais conhecido por ser casamenteiro:

Oh, meu querido Santo António, inspira este Fernando que agora reassume a pasta da Educação a fazer os casamentos certos: entre discurso e ação, entre promessa e cumprimento, entre professores e o respeito que lhes é devido.

Pois bem, a escola pública não pode, de modo algum, ser uma causa perdida; deve ser defendida, valorizada e assegurada enquanto pilar fundamental da nossa sociedade e conquista inegociável de Abril. Precisamos de uma escola pública de qualidade, que funcione como verdadeiro elevador social — muitas vezes o único — e que contribua para uma sociedade instruída, com pensamento crítico, capaz de resistir e reagir aos contextos adversos e exigentes que enfrentamos. Ao longo dos anos, foram muitos os fatores que nos conduziram ao estado atual:

“A Escola constrói Pontes.

**Todos somos margem para
ligar à Escola Pública.**

**Ajudem-nos a desbravar
caminhos!”**



desde a escassez de investimento financeiro até políticas educativas que desvalorizaram tanto o conhecimento como o humanismo. É necessário devolver ao professor o reconhecimento e a valorização compatíveis com o papel insubstituível que desempenha na formação de cidadãos. E não, senhor Ministro, o simples agendamento da recuperação do tempo de serviço não é suficiente para restituir o respeito e a dignidade que, ao longo das últimas décadas, foram sucessivamente negados a quem todos os dias mantém a escola pública à tona.

Apelamos, por isso, a que inicie esta nova legislatura com um verdadeiro compromisso: não com medidas paliativas ou cosméticas, mas com respostas estruturais, que ataquem os problemas de frente. A falta de professores persiste. A única medida que surtiu algum efeito — a atribuição de horas extraordinárias — teve um custo elevado e, a médio prazo, será insustentável. O desgaste e o cansaço acumulam-se face às exigências crescentes da profissão, contribuindo para o aumento das baixas médicas e para o abandono precoce da carreira. Além disso, esta medida camuflou as reais necessidades das escolas. No dia seguinte à divulgação das listas de colocação, verificou-se que, em várias escolas, apesar de terem sido atribuídas dezenas de horas extraordinárias num dado grupo de recrutamento, não foi aberta qualquer vaga, e nenhum professor foi colocado. O resultado será, inevitavelmente, um corpo docente instável e dificuldades acrescidas na obtenção de candidatos para os horários que efetivamente são necessários.

Falando em listas de colocação — e para que não pense que apenas apontamos falhas —, reconhecemos e valorizamos a antecipação da sua divulgação relativamente a anos anteriores. Foi um dos nossos apelos e é com satisfação que verificamos o seu cumprimento. Contudo, nem todas as promessas seguem o mesmo caminho. A revisão do Estatuto da Carreira Docente (ECD), bandeira da campanha eleitoral que o reconduziu à pasta da Educação, timidamente iniciada na legislatura anterior; hoje, verificamos com perplexidade que foi remetida para 2027. Ora, senhor Ministro, isto não é compatível com ações de homens de palavra.

A revisão do ECD é urgente; é absolutamente imprescindível para que a carreira docente seja valorizada e volte a ser atrativa.

Voltando a Santo António e ao nosso apelo, pedimos um parceiro corajoso e determinado, que queira construir connosco uma escola pública de qualidade. Um

“A Escola constrói Pontes.

**Todos somos margem para
ligar à Escola Pública.**

**Ajudem-nos a desbravar
caminhos!**



parceiro com a audácia necessária para tomar decisões estruturais e a humildade para reconhecer o que falhou e corrigir os erros.

Oh, meu querido Santo António, faz com que este Ministro veja na Missão Escola Pública um aliado — não um opositor — e perceba que as nossas críticas são pontes, não barreiras.

Cá estaremos — como sempre — para contribuir para a concretização de objetivos e, também, para apresentar as críticas que forem necessárias.

Apelamos a que nos escute, que nos reconheça como parceiros de boa-fé, e que encare as nossas críticas como contributos construtivos para a sua ação. Aceitou, novamente, o desafio de liderar a Educação. Esperamos que o tenha feito movido pelo muito trabalho que ficou por fazer e que encare este novo ciclo como uma oportunidade de honra para cumprir o que prometeu. É tempo de reconhecer que o caminho seguido até agora é um beco sem saída. É tempo de redefinir a rota. Mais do que um Ministro popular, a Educação precisa de um Ministro realista, consciente e, acima de tudo, eficaz.

Que os nossos apelos sejam ouvidos. Uma das missões do professor é precisamente essa: pregar a razão, o saber e a ética — mesmo quando encontra resistência. Despedimo-nos, recordando o sermão de Santo António aos peixes:

“Preguei-vos, peixes, o que pregara aos homens, porque vós sois melhores ouvintes e mais dóceis discípulos.”

Oh, meu querido Santo António, que os nossos sermões não sejam lançados ao mar. Que não sejamos obrigados a pregar apenas aos peixes, mas que quem decide ouça com atenção e humildade. Que o Ministro Fernando Alexandre tenha a lucidez de romper com a inércia e o ruído fácil das palavras vãs. A escola pública não pode esperar mais. E nós, professores, também não.

“A Escola constrói Pontes.

**Todos somos margem para
ligar à Escola Pública.**

**Ajudem-nos a desbravar
caminhos!**

Missão Escola Pública